



JORNAL DA MARCHA²⁰_{NOV}

ZUMBI E DANDARA PRESENTES

São Paulo/SP, 20 de novembro de 2025

Tiragem 20.000 exemplares



Foto Divulgação - Marcha 2024

APROVAÇÃO JÁ DA PEC 27

Não há democracia real enquanto a maioria negra do país continuar minorizada nos espaços de poder, no acesso à renda, na educação, na saúde, na moradia, nos territórios, na cultura e no conjunto de políticas públicas e direitos constitucionais. O racismo é a engrenagem que atualiza e reitera crimes históricos, sustenta desigualdades que impedem que a democracia seja vivida em sua plenitude. Nunca admitimos um Brasil em que a maioria da população é mantida na marginalidade e submetida à necropolítica do Estado.

É neste marco que **apoiamos a Projeto de Emenda Constitucional PEC 27/2024** e celebramos sua aprovação na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados, em 27 de agosto de 2025, que trata **Fundo Nacional de Reparação**. Resultado da luta do movimento negro, mas também de toda a sociedade brasileira que se beneficiará com o combate as assimetrias socioeconômicas que divide o Brasil. **Não se trata de um benefício, mas de uma medida reparatória, de justiça histórica contra um crime que ao longo tempo que sequestrou, escravizou, espoliou corpos negros**, gerou grandes fortunas a uma minoria branca e estruturou o Estado brasileiro.

O **20 de Novembro** em todos países será um dos momentos que o movimento negro brasileiro colocar como chamada central dos atos **REPARACAO JÁ !** Aprovação já da PEC 27.

Manifesto Zumbi e Dandara 300 + 30

O **Manifesto Zumbi 300+30** é uma referência à Marcha Zumbi de 1995 e aos 30 anos que se seguiram, reafirmando as reivindicações do movimento negro no Brasil. O significado da expressão se divide em duas partes:

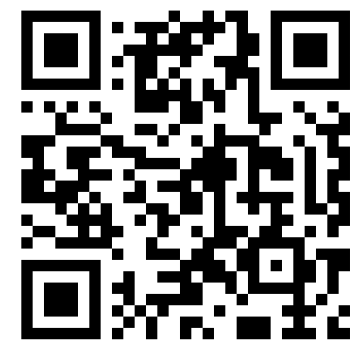
- **300:** Refere-se à Marcha Zumbi de 1995, que marcou os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e símbolo da resistência negra contra a escravidão.
- **+30:** Adicionado à expressão original para simbolizar as três décadas que se passaram desde a marcha histórica. O uso atual da frase enfatiza a persistência e a continuidade das lutas por igualdade racial, justiça e reparação histórica no Brasil, além de refletir sobre as conquistas e os desafios remanescentes.

Contexto histórico: Marcha Zumbi (1995): Organizada pelo movimento negro brasileiro, a marcha mobilizou milhares de pessoas e foi um marco na história da luta antirracista no país.

Além de homenagear Zumbi, a manifestação denunciou o racismo, a violência policial e a desigualdade social que ainda afetam a população negra.

Resistência contínua: A expressão 300+30 ressalta que, mesmo com o passar dos anos, as pautas de combate ao racismo e à desigualdade seguem urgentes. Ela reforça a memória da resistência e mantém vivo o legado de Zumbi como inspiração para as novas gerações.

Confira o manifesto completo em nosso site www.marchanegra.org



PROGRAMAÇÃO

20 DE NOVEMBRO DE 2025

10:00 Concentração Vão do Masp

11:30 Xirê Religioso

12:00 Apresentações Artísticas

14:00 Cerimônia de Abertura

15:00 Saída Marcha

18:00 Chegada com Atividades Culturais

ITINERÁRIO:

Av. Paulista

Rua Augusta

Rua Xavier de Toledo

Teatro Municipal

Semana da Consciência Negra

Venha discutir e pressiona o Congresso pela aprovação da PEC 27 que institui o Fundo Nacional de Reparação Econômica e de Promoção da Igualdade Racial (FNREPIR)
REPARACÃO JÁ!

**17 de novembro de 2025
às 19hrs**

Câmara Municipal de São Paulo
Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista,
São Paulo - SP



Foto da Marcha das Mulheres 2024

Manifesto Marcha das Mulheres

O Manifesto Econômico da **Marcha das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver** apresenta um projeto político e coletivo que propõe um novo modelo econômico para o Brasil, centrado na justiça racial, de gênero e na redistribuição de riqueza. Fruto da mobilização de mais de 300 mulheres negras de todas as regiões do país, o documento denuncia o racismo estrutural que sustenta as desigualdades econômicas e afirma que a reparação e o Bem Viver são pilares para reconstruir o país a partir das experiências e saberes das mulheres negras. O texto destaca que a economia brasileira foi construída sobre o trabalho invisibilizado e explorado das mulheres negras, que seguem sendo maioria nas ocupações mais precárias e minoria nos espaços de decisão. O manifesto denuncia o impacto do desemprego, da informalidade,

do endividamento e da falta de políticas públicas sobre essa população, e defende a criação de mecanismos permanentes de reparação — como a taxação de grandes fortunas, a reforma agrária e urbana, o fortalecimento das ações afirmativas e o reconhecimento do cuidado como trabalho essencial. Organizado em sete eixos — Reparação Econômica e Institucional; Trabalho e Renda; Política Macroeconômica e Fiscal; Dignidade; Investimento Público; Investimento Privado; e Economia Internacional —, o manifesto reúne propostas concretas para enfrentar o racismo econômico. Entre as medidas, estão a criação de um fundo nacional de reparação, programas de perdão de dívidas, ampliação do acesso ao crédito e à previdência, valorização da economia solidária, políticas de moradia e

alimentação digna, e participação efetiva das mulheres negras nas decisões sobre orçamento, clima e desenvolvimento. O documento reafirma que reparar o passado é garantir o futuro e que a economia precisa servir à vida, e não ao lucro.

A Marcha das Mulheres Negras defende que o Brasil e o mundo reconheçam a dívida histórica com a população negra e adotem medidas concretas de redistribuição de poder e riqueza. O Manifesto Econômico 2025 é, ao mesmo tempo, denúncia e proposta: uma agenda de transformação que coloca as mulheres negras no centro das soluções para uma economia justa e anti racista.



www.marchadasmulheresnegras.com.br

Terreiros silenciados gritam por justiça

Em São Paulo, a Lei do PSIU virou arma de racismo religioso: persegue, multa e silencia terreiros de matriz africana, enquanto festas brancas seguem impunes!

Em São Paulo, terreiros de matriz africana sangram com violações sistemáticas que fomentam racismo religioso: a Lei do PSIU, discriminatória, rotula tambores e cantos sagrados como "poluição sonora", silenciando nossa fé. Pai Robson Severo, da Casa Zé Pilintra, gasta fortunas em janelas insonorizadas para dignificar seu ilê, sem apoio estatal, enquanto festas brancas prosseguem impunes. Pai Israel de Xangô teve de fechar e realocar seu terreiro por denúncias e fiscalizações abusivas, rompendo laços e rituais, como debatido em audiência sobre a Lei do PSIU na Câmara Municipal.

Pág. 2

Não são casos isolados: é racismo profundo que queima lares sagrados, invade barracões e gera ansiedade, depressão e morte lenta via estigmas conservadores – agravado pela Lei de Zoneamento, cujas revisões impulsionam especulação imobiliária, deslocamentos e despejos de terreiros históricos em periferias valorizadas, sem proteção ao patrimônio cultural. **O povo de axé exige mobilização, inspirada em vitórias como o Estatuto da Igualdade Racial, para tornar o terreiro bastião de resistência.** Pressionemos emendas à Lei do Silêncio blindando rituais e políticas de proteção legal, via dossiês, audiências e encontros nacionais antirracistas. O Estado deve financiar empoderamento, como as alianças de ialorixás da Mãe Su de Nanã em rodas sobre autoestima, ancestralidade e violência contra a mulher, onde a ancestralidade reine soberana. As ações contra nós são racistas e exigem enquadramento legal! Chega de impunidade para agressores e omissão estatal.

O apagamento legal dos terreiros é violência: faltam meios para registrar entidades que atendam nossas demandas. As ações contra nós são racistas e exigem enquadramento legal! Chega de impunidade para agressores e omissão estatal. O apagamento legal dos terreiros é violência: faltam meios para registrar entidades que atendam nossas demandas. O processo atual, burocrático via associações ou OSCIPs em cartórios e Receita Federal, impõe documentos impossíveis, contabilidade elitista e "templos fixos" que ignoram casas periféricas multifuncionais de culto e caridade. Registrar salva: isenta IPTU e ISS, acessa editais e protege de despejos, resgatando 70% dos terreiros da informalidade marginal e cultural. Sem ele, o patrimônio vivo some. **Povo de axé, ocupem a Marcha da Consciência Negra:** presentem-se em terreiros e ruas como guardiões do sagrado e ancestrais, quilombos urbanos contra a violência – liberdade religiosa é direito! **Juntem-se no 20 de novembro, 11:30, em frente ao MASP!**



Lanceiros Negros

por Prof. Ailton Santos
e Romildo Ibeji

190 ANOS DOS LANÇEIROS NEGROS UM NORTE PARA EMANCIPAÇÃO NEGRA NO BRASIL

As pessoas perguntam sobre a história dos lanceiros Negros, e digo que foi e é uma, importante, luta ocorrida no Rio Grande do Sul e denominada como a Revolução da Farroupilha, era o século XIX, entre os anos de 1801 e 1845 no Rio Grande do Sul, a união dos farrapos com os Lanceiros Negros em troca de liberdade.

“Liberdade! Liberdade! abre as asas sobre nós. Que a voz da liberdade seja sempre a nossa voz”

Os negros que participavam ou integravam o exército farrapo durante a GUERRA DOS FARRAPOS (1835-1845), a participação dos lanceiros fora fundamental em diversas batalhas, onde a sua bravura foi decisiva em momentos importantes do confronto.

• Traição e Massacre:

Após o fim da guerra, a promessa de liberdade não foi cumprida. A história dos Lanceiros Negros também está ligada ao Massacre de Porongos, um evento trágico em que muitos deles foram mortos, apesar de terem lutado pela causa republicana.

• Relevância e Reconhecimento:

Atualmente, o estudo dos Lanceiros Negros ganhou maior relevância nas discussões sobre o movimento negro e em busca de reparações. Em 2024, foi anunciado que seus nomes seriam inscritos no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, um documento que preserva os nomes de personalidades que marcaram a história do Brasil.

Quem foi o traidor da Guerra dos Farrapos?

David Canabarro, o traidor, com o intuito de por fim ao conflito, ordenou na madrugada de 14 de novembro desarmar os escravos argumentando que poderia haver uma rebelião.

Quem foi o líder dos Lanceiros Negros?

Os Lanceiros Negros, um corpo militar formado por negros durante a Revolução Farroupilha, tiveram como primeiro comandante o Tenente-Coronel Joaquim Pedro Soares, e posteriormente o Major Joaquim Teixeira Nunes. Teixeira Nunes, também conhecido como o "Gavião", foi um militar e revolucionário brasileiro que desempenhou um papel crucial na revolta.

Comandantes Notáveis:

• Joaquim Pedro Soares:

Foi o comandante inicial dos Lanceiros Negros, atuando também como assessor militar e organizador de tropas em batalhas como a do Seival.

• Joaquim Teixeira Nunes:

Conhecido como "Gavião", foi o chefe do corpo de Lanceiros Negros após o comando inicial de Soares, sendo uma figura proeminente na guerra.



Foto Seminário 190 Anos Lanceiros Negros 2025

SEMINÁRIO EM HOMENAGEM AOS 190 ANOS DOS LANCEIROS NEGROS

No dia 16 de agosto de 2025 o grupo Organizativo da **MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA ZUMBI E DANDARA DE SÃO PAULO** realizou o SEMINÁRIO EM HOMENAGEM AOS 190 ANOS DOS LANCEIROS NEGROS – um resgate reflexivo para a militância política, o evento ocorreu no Sindicato dos Bancários. O evento contou com diversas entidades que representam o **MOVIMENTO NEGRO** em São Paulo, e com a participação de representantes de Partidos e mandatos comprometidos com a causa.

*Nossas lanças acordam nossas
mãos, entrelaçadas ecoam vozes de resistência, e em marcha acordemos segurando as
LANÇAS DOS LANCEIROS NEGROS DA FARROUPILHA.*

Sankofa, o Envelhecimento Negro e a Cor da Longevidade: Resgatar para Avançar!

por Suelma Inês Alves de Deus

O símbolo africano ganês Sankofa, representado por um pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para trás, carregando um ovo – símbolo do futuro – nos convida a olhar para o passado, resgatar o que foi esquecido ou negado, e seguir em frente com sabedoria. Envelhecer, para a população negra, não é apenas atravessar o tempo – é resistir a múltiplas formas de exclusão. Um corpo negro que envelhece carrega nas rugas o enfrentamento por respeito, dignidade e justiça.

A promoção e proteção dos direitos humanos para a população afrodescendente tem sido uma prioridade para a Organização das Nações Unidas (ONU). Como ação, a Assembleia Geral da ONU proclamou em 2015, a década dos afrodescendentes para ser observada até 2024. O tema foi "Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento", a década foi renovada para a Segunda Década Internacional de Afrodescendentes, com o mesmo tema, no período de 2025 a 2034.

A proclamação da Segunda Década representa nova oportunidade para que pessoas afrodescendentes possam usufruir plena e efetivamente dos benefícios do desenvolvimento sustentável e de todos os seus direitos humanos.

O objetivo da Década dos Afrodescendentes é aumentar a conscientização das sociedades no mundo quanto ao combate do preconceito, da intolerância, da xenofobia e do racismo. O documento que cria a Década destaca que apesar de muitos esforços pelo mundo, “milhões de seres humanos continuam a ser vítimas do racismo, da discriminação racial, da xenofobia e da intolerância relacionada, inclusive suas manifestações contemporâneas, algumas das quais tomam formas violentas”. A discriminação e o preconceito racial afetam pessoas negras nas diversas fases da vida, desde a primeira infância à velhice, geram um impacto negativo e acumulam desvantagens de ordem física, psicológica, social, material entre outras.

O envelhecimento populacional já é um fenômeno presente no Brasil, a queda da fecundidade e a diminuição da natalidade estreitou a base da pirâmide social. O censo de 2022 revelou que o total de pessoas com mais de 65 anos teve uma alta de 57,4% frente a 2010.

Aponte no QRCode
para continuar lendo a matéria!





Realização

Entidades Organizadoras da
Marcha da Consciência Negra da
Cidade de São Paulo.
Movimento Negro Resiste!



Palmares 37 anos de história viva!

Celebramos em 2025 os 37 anos da Fundação Cultural Palmares, símbolo de resistência e esperança sempre renovada. Desde março de 2023, atendemos a um chamado ancestral para restaurar dignidade e memória, apagadas por séculos de injustiça. Com a liderança do presidente Lula, o apoio da ministra Margareth Menezes e uma equipe comprometida, resgatamos heróis silenciados, restituímos as cores pan-africanas e reforçamos o caminho dos quilombos rumo ao futuro.

Nascido na Rua do Bispo, Salvador, trago a certeza de que arte, cultura, educação e política constroem justiça. Na Palmares as vozes são imensas: Conceição Evaristo, Luiz Melodia, criadores das margens, escritores quilombolas e mulheres que edificam o amanhã. A cada acervo preservado, livro digitalizado e edital lançado, reafirmamos: o centro da cultura é negro.

Enfrentamos os silêncios do passado com ação nos territórios, abertura à juventude negra e protagonismo das mulheres, que lideram programas baseados em raça, gênero e coragem. O projeto Afrodigital levou presença e tecnologia a regiões antes esquecidas, unindo tradição e inovação. Celebramos a capoeira e o corpo negro como espaços de liberdade e criação.

Com apoio governamental, erguemos a nova Casa Palmares em Brasília, revitalizamos o Espaço Docas André Rebouças no Rio e impulsionamos o Viva Pequena África. Na Serra da Barriga, reforçamos alianças e afirmamos a política como memória viva. Celebramos o 20 de novembro como feriado nacional, dia de Zumbi e da luta de todo o povo negro.

Palmares nunca se curva: é raiz, tambor e eternidade.

Para nunca esquecer!

Valorizar quem já partiu lutando pelo movimento negro é manter viva a força de suas vozes e ações. Suas memórias são sementes de resistência que ainda florescem na luta por justiça e igualdade. Cada um deles existem em nós!



João Nazareh
SINPEEM



Vera Lucia
QUILOMBOHOJE



Arnaldo Xavier
SOWETO



Bolha
José Galvão
SOWETO



Alaru Jagun
PAN AFRICANISMO



Edna Muniz
SOWETO



Sônia Leite
SOWETO



Flavinho
SOWETO



Maj
Maria José
SOWETO



Valter Hilario
FALA NEGÃO FALA
MULHER



Afonso de Oliveira
UNEAFRO



Thiago Marcelino
UNEAFRO



Maurício de Melo
UNEAFRO



Maria da Penha
OAB



Vo Zulmira
AFOXÉ OMO ODE

Apoio:



Conselho Editorial: Alinne Motta, Andrezza (Zaza), Prof. Debora Nunes, Gilson (Negao) Nunes Vitorio, Prof. José Ailton Santos, José Adão Oliveira e Romildo Ibeji.